



Patrícia SERAFINI<sup>a</sup>

O anilhamento é um dos principais métodos utilizados para se estudar migrações e consiste na marcação individual de aves com anéis numerados, que uma vez reencontrados (recuperação), possibilitam o resgate de informações sobre os indivíduos marcados. Porém, para se analisar padrões migratórios utilizando dados de anilhamento de aves são necessárias compilações de uma grande quantidade de dados de recuperação e, portanto, o sucesso de programas de anilhamento depende da integração de: (1) uma rede de pesquisadores que realizam a marcação de aves, (2) de cidadãos colaboradores que relatam o encontro de espécimes anilhadas e (3) de Centros de Anilhamento responsáveis pela coordenação dessas atividades e o armazenamento e processamento dos dados.

Apesar de experiências isoladas de anilhamento em períodos anteriores, apenas no final do século XIX se iniciaram projetos de anilhamento sistemático de aves para estudo de deslocamento. Em 1914 já existiam cerca de 20 projetos de marcação de aves na Europa e em 1909 foi criada nos EUA a Associação Americana de Anilhamento (*American Bird Banding Association*). Esses sistemas se organizaram e hoje o anilhamento na América do Norte (EUA, Canadá e México), coordenado pelo *Birding Banding Laboratory/BBL*, e na Europa, coordenado por centros nacionais que se intercooperam por meio do EURING, são bem estabelecidos e contam com a participação de um grande número de anilhadores. Apenas na década de 50 se iniciaram atividades de anilhamento no Brasil, com a marcação de alguns beija-flores por Augusto Ruschi. Contudo, só em

1977 foram iniciadas marcações mais organizadas e sistemáticas, coordenadas por um centro de anilhamento de aves, o CEMAVE, que até meados dos anos 80 foi o único centro de anilhamento da América Latina. A partir da década de 80 se intensificaram os estudos e publicações sobre aves migratórias no Brasil, mas a maioria deles é pontual e trata isoladamente sobre a ocorrência de espécies ou populações de aves migratórias em regiões específicas do país.



Figura 1. Imagem ilustrativa de anilha alar utilizada em *Spheniscus magellanicus*. CETAS de Santa Catarina. Foto: Isaac Simão Neto.

Para o pinguins-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*) as atividades de anilhamento no Brasil se iniciaram em 1984 e, apesar desta atividade ocorrer há mais de duas décadas, foram relatados e constam no Sistema Nacional de Anilhamento (SNA.net) do CEMAVE um total de 1.018 anilhamentos realizados para a espécie. Em uma análise por estados brasileiros, foram relatados 589 anilhamentos de *Spheniscus magellanicus* no Rio Grande do Sul, 298 em Santa Catarina (Figura 1), 31 no Paraná, três anilhamentos para o estado de São Paulo e 75 para o Espírito Santo. Desde 1984, 17

anilhadores tiveram projetos de anilhamento com foco nesta espécie e submeteram informações sobre as aves marcadas em relatórios anuais ao SNA.net. Contudo, embora anilhas para pinguins (W) tenham sido distribuídas em grande número, notadamente a partir de 2008 (2441 anilhas enviadas a anilhadores senior), este número total de anilhamentos relatados é comparativamente baixo, sendo que para diversos projetos em andamento, relatórios anuais estão pendentes ou ainda não foram enviados ao SNA. Anilhas padrão CEMAVE também foram utilizadas em Punta del Este (Maldonado, Uruguai) para 22 pinguins-de-magalhães. Quanto às importantes informações referentes à recuperação de pinguins anilhados, um total de 67 registros de relatos de recuperação constam atualmente no SNA.net/CEMAVE.

a - Base Multifuncional do CEMAVE em Florianópolis/SC. Estação Ecológica Carijós – ICMBio. Rodovia Maurício Sirotski Sobrinho s/n, SC 402 – km02, trevo Jurerê. CEP: 88.053-700, Florianópolis/SC

[www.icmbio.gov.br/cemave](http://www.icmbio.gov.br/cemave)  
[patricia.serafini@icmbio.gov.br](mailto:patricia.serafini@icmbio.gov.br)